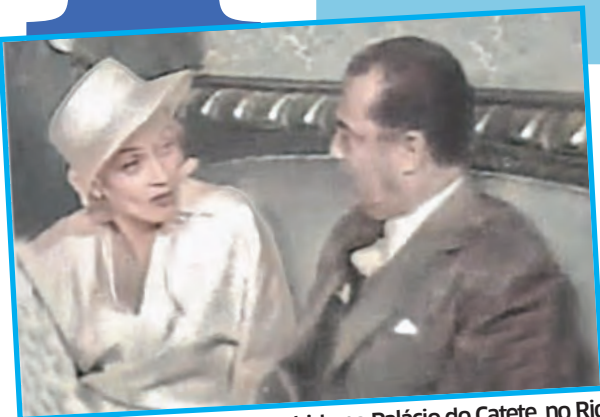




Marlene Dietrich visitou o Brasil há 65 anos, a caminho de Buenos Aires

• PAG. 5



Marlene Dietrich sendo recebida no Palácio do Catete, no Rio (então Capital da República), pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira

Aos 40 anos, o ator Romulo Estrela, maranhense, anuncia que prepara um filme

• PAG. 6

Foto de Brooke Shaden



BELA
e misteriosa produção de Brooke Shaden, uma das maiores e mais criativas fotógrafas da atualidade

PAG. 3

Alguém me fala que, depois de longo afastamento, reencontrou-se com uma esquecida fé, e desde então certos tropeços que a vida lhe aprontou foram perdendo a coloração dramática de que pareciam revestir-se.

Não duvido. Estive outro dia no Santuário de São José de Ribamar, curiosamente em pagamento de uma promessa alheia, e me comoveu ver tantas pessoas confiando ao vigário da paróquia íntimos requerimentos e esperanças.

Sou um católico relapso. Não vou à missa com muita frequência, não confesso nem comungo uma vez por ano, acho que ninguém me tomaria por um modelo de virtudes evangélicas. Mas algumas das horas mais tocantes de minha "herege" existência transcorreram no interior de igrejas. As

OUTONO EM PARIS

era quando eu recriava o ritual do Sacrifício que observava com um olhar de menino

cerimônias da Sexta-Feira da Paixão, em Presidente Dutra, me emocionavam por sua plástica sombria. Aquelas orações em bom e velho latim, aquelas imagens aprisionadas sob mantos violeta, a contrita visitaçã ao Senhor Morto pela delegaçã dos proscritos - das chamadas mulheres de vida airdada às demais ovelhas desgarradas do aprisco - incendiavam e enterneciam minha imaginaçã.

Num domingo inaugural de outono em Paris, fui à Catedral de Notre Dame. O canto gregoriano estremecia os vitrais, recriava-se glorioso o ritual do Sacrifício - e se o denomino assim é porque, num fugidíio, mágico instante, senti a presença de minha mãe, ali tão docemente próxima, ali tão definitivamente para sempre exilada de mim.

Há, perto da Via Appia, em Roma, uma capela humilde. É órfã de majestade e es-

plendor. Não se deparam ali brilhos nem requintes. Mas tem no chão uma pedra. Nela se acham gravados os passos do Filho de Deus, pobres e descalços, como se mantiveram através da poeira dos milênios, a partir do momento no qual, de acordo com a lenda, surpreendeu Pedro em fuga e lhe perguntou: Quo vadis?

Volta e meia penso que, no Juízo Final, quando pesarem numa balança meus numerosos pecados e meus escassíssimos méritos, Pedro em pessoa será meu advogado.

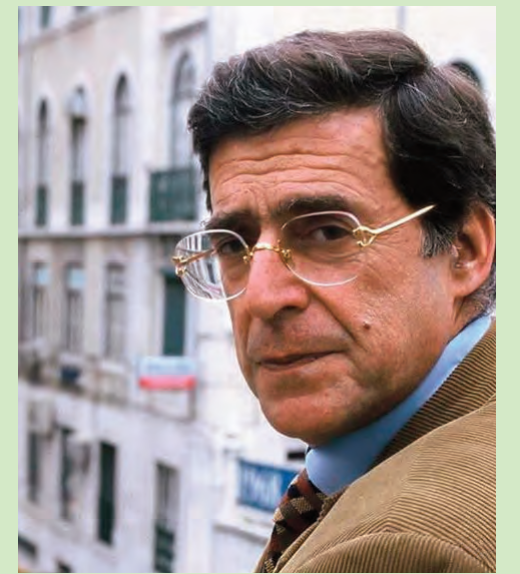
- Deixem esse aí entrar - dirá. - Ponham ele em algum recanto de sonhadores. Pois atesto e juro que, numa tarde de dezembro, o vi ante o presépio armado na Praça da Igreja Matriz, contemplando a cena com um olhar de menino.

Fotos/Divulgação



Lobo Antunes tragando o seu indefectível cigarro Marlboro light

Fotos/Reprodução



Graça Moura com Lisboa ao fundo

VASCO GRAÇA MOURA

Pouco conhecido dos escritores e críticos literários maranhenses, meu saudoso amigo e grande poeta português Vasco Graça Moura, que tive o prazer de recepcionar no Maranhão e por quem fui recebido algumas vezes em Lisboa, fez sucesso em sua carreira como ensaísta, tradutor, poeta e escritor, dividindo o seu tempo com a política portuguesa e a internacional. Esta participação deixou fortes marcas em sua obra.

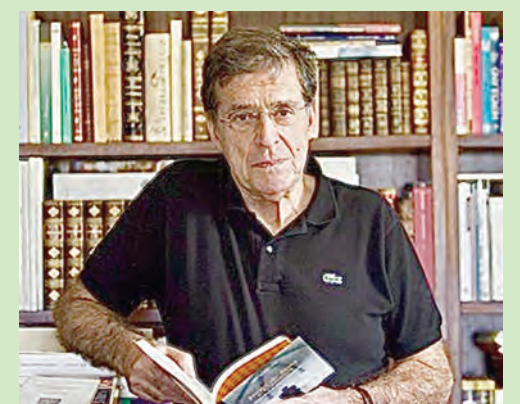
É notável, ao fim de sua vida, como a reflexão sobre a condição política e cultural portuguesa e europeia, frente ao alargamento de fronteiras e hibridização do início do século XXI, marcam de maneira indelével a obra do escritor, situando-o no cenário da poesia pós-moderna.

Vasco Graça Moura (03/01/1942 – 27/04/2014) destacou-se como um grande literato do seu tempo, quer como ensaísta político, tradutor (Medalha de ouro de Florença 1997 por sua tradução de Dante), romancista e poeta. Esta multiplicidade de faces estendeu-se em cada uma das perspectivas de sua vida, fazendo de Moura um legítimo herdeiro do homem renascentista, poliédrico em sua riqueza de aspectos, com mais de sessenta obras entre poesia, romance, ensaística e teatro, com inúmeros prêmios, dentre os quais, o Prêmio Pessoa (1995).

Já no fim da vida, um dos últimos motes de sua luta política foi o da definição de melhores demarcações ao processo de abertura da União Europeia, objeto de sua última obra, A identidade Cultural Europeia (2014), em que trata, a um só tempo, da origem das raízes ocidentais e da progressiva crise econômica acarretada pelo modelo político adotado pelos países da Europa no processo de abertura para novas nações no G15 (Grupo dos 15).

Notáveis por seu papel na história das descobertas e navegações, os países ibéricos frequentemente são relegados a um segundo plano na Europa. Neste sentido, a participação de Moura na política e na cultura foi fundamental para o estabelecimento de Portugal, país de economia frágil, em um grupo que conta com algumas das maiores potências mundiais.

Para Paul Valéry, “dez minutos de conversação dão a ver, dissipam, invertem, simplificam muitas coisas sobre as quais nunca se teria tido mais do que ideias populares ou literárias”. Para Graça Moura, conversar é também uma arte do efêmero que tanto parte de ideias feitas como desfaz ideias feitas e pode assim tornar-se uma pedagogia, nisto se aproximando do diálogo clássico.



Graça Moura em sua mesa de trabalho

Soneto do amor e da morte

*quando eu morrer murmura esta canção
que escrevo para ti. quando eu morrer
fica junto de mim, não queiras ver
as aves pardas do anoitecer
a revoar na minha solidão.*

*quando eu morrer segura a minha mão,
põe os olhos nos meus se puder ser,
se inda neles a luz esmorecer,
e diz do nosso amor como se não*

*tivesse de acabar, sempre a doer,
sempre a doer de tanta perfeição
que ao deixar de bater-me o coração
fique por nós o teu inda a bater,
quando eu morrer segura a minha mão.*

(Vasco Graça Moura, in “Antologia dos Sessenta Anos”)

A SOLIDÃO DE LOBO ANTUNES

“tantas vidas em nós, para onde irá isso tudo, é impossível que os mortos não andem aí à procura, sentem-se na sala de baixo, aqueles passinhos nas tábuas, um estore solto a falar, tenho setenta e sete anos e ainda me falta tanto”

Aproveitei a calma dos feriados da Semana Santa para reler “O Tamanho do Mundo”, um dos últimos livros publicados de Lobo Antunes que é, provavelmente, o maior escritor português deste tempo e o autor vivo mais importante da língua portuguesa.

O romance é para ser lido em voz alta, não como chamamento ou oração reconhecível pelos seguidores do credo antuniano, mas antes no recato dessa mesma solidão que se mede “pelos estalos dos móveis à noite”, na companhia da garganta que tosse dentro da nossa a chamar, cientes de termos tantos ossos a mais no corpo. Fazê-lo (lé-lo mesmo assim, a sós e sonoramente) ajuda a perceber a força quase mántrica da palavra de Antônio Lobo Antunes.

Conheci, pessoalmente, o grande escritor português numa tarde de começo de inverno em Lisboa, quando a ele fui apresentado por outro grande nome da literatura portuguesa, o saudoso Vasco Graça Moura, que tive o prazer de recepcionar durante a visita que ele e José Saramago fizeram, com outros escritores de Portugal, a São Luís e Alcântara.

Ao adentrarmos a casa de Lobo Antunes, Graça Moura foi logo me alertando: “A solidão de Lobo Antunes é muito maior do que se possa imaginar”. Lá fora, a tarde em Lisboa era cinzenta e fria, com um feio aguaceiro que parecia não se cansar nunca de ameaçar. Dentro, em sua casa de bairro pobre, como ele diz, Lobo Antunes, rodeado de livros por todas as partes, de frases de escritores anotadas na parede, fumava sem parar, sorria com frequência, brincava, convidou para uma graspa (um destilado feito com o bagaço das uvas) e colocava a cinza do cigarro, invariavelmente, no maço vazio do Marlboro light. Percebia-se que estava contente.

Naquela tarde, o escritor português várias vezes candidato ao Nobel de Literatura – e que nunca engoliu a premiação dada ao seu patricio José Saramago –, autor de um punhado de obras-primas pelas quais qualquer romancista se orgulharia – Fado Alexandrino, Esplendor de Portugal, A Ordem Natural das Coisas, Manual dos Inquisidores, Os Cus de Judas... – recebeu Graça Moura e este novo amigo do outro lado do mundo, na pequena mesa do canto onde se senta para trabalhar dia após dia, com o ânimo no chão pelo fato de que, segundo ele, provavelmente não iria terminar mais nenhum livro.

Desde então, escreveu dois romances ou, como nos disse com seu sorriso irônico, “duas coisas”. Daí o sorriso de quem não se concebe senão escrevendo. No Brasil, foi publicado, em 2010, Sóbolos Rios que Vão, em que narra sua



Capa do livro “O Tamanho do Mundo”, de Lobo Antunes

passagem pelo hospital em 2007, para ser operado de um câncer que superou. A experiência, isso sim, está descrita da maneira alucinada, intensa e poética desse escritor dono de um universo próprio. Por isso, além de enfermeiras, médicos, aparelhos, comprimidos e um paciente chamado Lobo Antunes à mercê do destino e do tique-taque do relógio da morte, o protagonista soberano é a infância.

Voltando ao alerta de Graça Moura, confesso que, a partir daquela tarde chuvosa, não mais me afastei da certeza de que é muito grande a solidão de Lobo Antunes. A começar por aquela de que nos dão conta as personagens de “O Tamanho do Mundo”, livro que é povoado por mortos e fantasmas, ecos e lembranças, uma mochila a transbordar com anos e mais anos de passado e um homem que remexe a trouxa – a infância e esses tempos adultos e vigorosos, a camisa preferida de uma filha que se amou e a roupa suja de todos os erros que se cometeu, as meias rotas de um arrependimento e as gravatas lustrosas de quando havia saúde e viagens. Para fazê-lo, esse homem senta-se numa casa vazia em que pode até escutar “a tosse de um cano na parede” e desejar que aqueles que lhe são mais queridos o assombrem: “ia jurar que os meus pais, afinal vivos, descem os degraus em passinhos leves, desaparecendo para sempre”.

Dizer que “O Tamanho do Mundo” é um romance polifônico tem tanto de certo quanto de irrelevante. Porque se é verdade que a solidão de Lobo Antunes nos chega por três outras vias além da deste homem octogenário (uma filha renegada pelo pai e cujo rancor fareja por ele no outono da vida; uma mulher humilde com “dinheiro a dar com um pau” e cuja única tarefa é fazer companhia ao velho rico; um advogado que fugiu da província para se enterrar em Lisboa e que sente a falta “do cheiro da serra e do vazio dos domingos”), é

ainda mais certo que uma voz atravessando todas as páginas jamais se altera, e essa é a voz do escritor, essa é a voz da solidão de Lobo Antunes.

Como um sacerdote louco e infalível, o escritor embala a pena numa vertigem descritiva, repetitiva e exaustiva pelo envelhecimento, a degradação e a morte, o desejo, os corpos e o sexo, as casas, as famílias, “os objetos que aumentam nos naperons” e os sapatos vazios, as cidades, os prédios e as ambulâncias, o amor, o sarcasmo, a indiferença e o sofrimento, o campo, as profissões, os cheiros e as “rugas futuras”. As personagens de livros passados e o passado. As vidas. Tantas vidas cabem num romance de Lobo Antunes, tanta gente, tanta aventura e tanto lamento.

“O Tamanho do Mundo” claustrofóbico em que nos movemos aumenta consoante Lobo Antunes se aproxima de cada quadro dissecado, de cada paisagem, de cada objeto, de cada ser humano.

A microcâmera dos seus olhos, ligada a um motor de linguagem que parece inesgotável, consegue nomear o visível e o invisível acima de tudo quanto se poderia supor. Avisa-nos que “é impossível para uma terra estar viva quando lhe tiram os mortos porque quem a habita e nos fala ao ouvido é quem sopra no vento”. Lembra-nos que todos temos ou tivemos mãe, “o relógio

acolá a tricotar minutos graças à agulha dos ponteiros, tecendo o cachecol do tempo a caminho da noite quando só ele e eu existíamos no escuro porque a minha mãe, ao adormecer, desaparecia no nada, apenas uma sílaba”.

Estamos muito longe do território da trama e do enredo, das telenovelas vendidas em formato tijolo de papel, das sinopses capazes de apaixonar aqueles senhores e senhoras muito postos. Estamos sozinhos e é por isso que uma certa solidão se mede também “pela quantidade de narizes que temos à nossa volta”.

Numa comparação mal consentada, é esse o outro tipo de solidão literária de que padece Antônio Lobo Antunes. Porque são muito poucos os narizes ao seu redor capazes de mergulhar assim e sustentar a respiração durante tempo suficiente para que dali saiam umas linhas que valham para alguma coisa. O caso Lobo Antunes não é único: a solidão que o mata é a solidão que o salva, que o salva para poder trabalhar assim.

Declarar que ninguém escreve como Lobo Antunes é ao mesmo tempo um lugar comum e o melhor elogio que se lhe pode fazer. Agora é rezar ao deus do bom-senso para que não se invente por aí um prêmio capaz de lhe impingir aquela classe de herdeiros versados em “palavras que se acendem e apagam sem que ninguém as escute”.

QUEM É LOBO ANTUNES?

Antonio Lobo Antunes nasceu em 1º de setembro de 1942, em Lisboa, na região de Benfica. Estudou na Faculdade de Medicina de sua cidade natal, especializando-se em Psiquiatria. Exerceu, durante vários anos, a profissão de médico psiquiatra.

Em 1970 foi mobilizado para o serviço militar. Embarcou para Angola no ano seguinte, tendo regressado em 1973.

Em 1979 publicou os seus primeiros livros, Memória de Elefante e Os Cus de Judas, seguindo-se, em 1980, Conhecimento do Inferno. Estes primeiros livros transformaram-no imediatamente num dos autores contemporâneos mais lidos e

discutidos no âmbito nacional português e internacional. Todo o seu trabalho literário tem sido, ao longo dos anos, objeto dos mais diversos estudos, acadêmicos ou não, e dos mais importantes prêmios, nacionais e internacionais, entre os quais se contam o Prêmio Juan Rulfo, 2008, Prêmio Camões, 2007, Prêmio Jerusalém, 2005, Prêmio Ovidio, 2003 e Prêmio Europeu de Literatura, 2001.

A obra de Antônio Lobo Antunes encontra-se traduzida em inúmeros países e recentemente foi anunciada a sua edição na coleção literária Bibliothéque de la Pléiade, editada pela Gallimard e considerada a mais prestigiosa do mundo.



Lobo Antunes na pequena mesa do canto da sala de sua casa, onde se senta para trabalhar dia após dia

Fotos/Divulgação



Capa do livro "O Mar de Vidro", de Gabriela Lages Veloso

O MAR DE VIDRO

e a profundidade de dois símbolos universais: a água e o espelho

Durante a noite de autógrafos de "Cartas ao Neto – Versos Maquiavélicos", do poeta Daniel Blume, a jovem e bonita poeta maranhense Gabriela Lages Veloso circulou levando debaixo do braço alguns exemplares do seu livro mais recente, "O mar de vidro", editado com o selo da Caravana e com apresentação, na orelha, de Marta Cortezão – nasceu em Tefé/AM, mas mora em Segóvia/ES desde 2012. É escritora, poeta, tradutora, trovadora, ativista cultural. Tem obras (poemas e contos) publicadas em antologias, tanto nacionais como internacionais. E publicou o livro de poesia "Banheiro manso", em 2017). Sobre a obra da poeta maranhense, Marta Cortezão diz que ela "nos revela, através de uma linguagem poeticamente elegante, a profundidade de dois grandes símbolos universais: a água e o espelho. De um lado, o mar como representatividade do curso da existência humana e a instabilidade de seus sentimentos e desejos; de outro, o espelho, superfície do mar que reflete a imagem contemplada e que a confronta com seus reais abismos, aqueles do eu profundo, a alma: "Tua dura água reflete / e encanta os Narcisos, / levando-os ao eterno / descontentamento (...) Espelho, és o poço mais / profundo que existe" (O mar de vidro).

Continua Marta: "A leitura dos versos de Gabriela nos conduz a uma viagem pelo conturbado mar da essência humana sob o oráculo da Tríade Divina: Gaia, a Mãe Terra, símbolo da fertilidade e da renovação, a origem de toda a vida; Vênus, a que aviva o

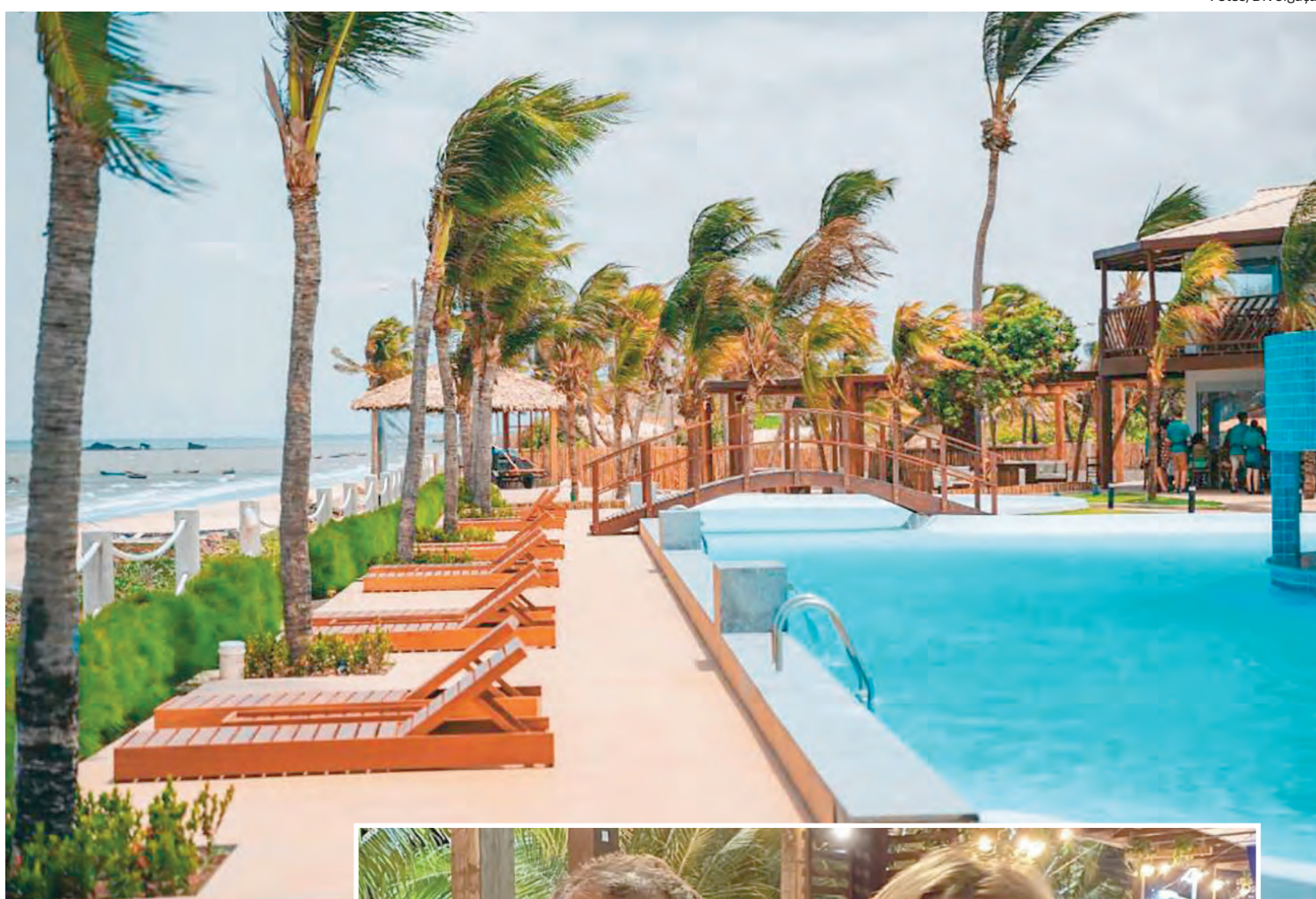
desejo apaixonado dos corações humanos e que busca pela sublimação do amor e Atena, símbolo da comoção e evolução humanas, a que prima pela reflexão. Mergulhar nesse mar de vidro é fertilizar a alma".

Para o poeta e crítico literário Antonio Aílton, editor do portal Sacada Literária, "O Mar de Vidro de Gabriela Lages Veloso já nasceu ousado. Foi lançado no nobre salão da Academia Maranhense de Letras, que é um espaço canônico e, em outros tempos, carregado de adjetivos austeros. Mas não nestes dias diversos, é claro, em que a própria Academia quebra (precisa quebrar) paradigmas e se alia às feições e reivindicações contemporâneas – e em que nós mesmos, vozes cotidianas, a impregnamos de nossas reivindicações e de nossas irrupções. Gabriela se faz presente nessa mediação".

Continua: "Trata-se de um livro delicado, de linguagem límpida, porém com o peso certo da intimidade, da consciência do ser feminino, das evocações e da convocação certa à reflexão, como se fosse aquela Borboleta azul, de índole telúrica, que diz: "Em tuas delicadas/ asas furta-cor/tu carregas a/ metamorfose do tempo" (p. 20)" ... "com seu O Mar de Vidro, Gabriela constrói aquele mundo próprio e autêntico a que se propõe, uma feição autônoma e forte, de quem tem o que dizer e acrescentar. De modo firme e sensível, sua convocação se impõe para impelir nossa experiência íntima, nosso grito à frente ou atrás do espelho, ao encontro do que ela verbaliza invocando um imaginário tão simbólico e tão rico".



A Poeta Gabriela Lages Veloso com o Reporter PH



Eli e Rose Medeiros passam este fim de semana conhecendo um dos lugares mais charmosos do litoral maranhense: o Oiti Beach Resort Tutoia, situado em frente à Praia de São José, com acomodações confortáveis, restaurante com vista panorâmica, ampla piscina com bar molhado, espaço fitness, área infantil e outras comodidades



O Poeta Salgado Maranhão com Adriana e Felix Alberto Lima, que estão curtindo férias na Itália

Viajando pela Toscana

Depois de se emocionarem com a beleza de Florença, Adriana e Felix Alberto Lima estão descobrindo a região da Toscana, que começa com Pisa e sua famosa Torre Inclinada com quase 56 metros de altura (cerca de 183 pés). No roteiro, a deslumbrante vila de San Gimignano, patrimônio mundial da Unesco, conhecida pelo antigo planejamento urbano ainda intacto.

O passeio inclui ainda Siena e Chianti com famosas vinícolas, que figuram entre as melhores do mundo.



Giovanna Braga



Elane Vanessa



Gabi Murad

INAUGURAÇÃO DE LOJA DA THAY

Na segunda-feira, dia 1º de abril, Thaynara OG inaugurou a super loja do "São João da Thay" no Shopping da Ilha. Em novo local e com a novidade de que agora o evento terá dois dias, 7 e 8 de junho Thay manda o recado: "A inauguração foi linda, a loja está linda, e fizemos o cortejo com algumas atrações pelos corredores do Shopping".

O São João da Thay entra em sua sexta edição que começou em 2017, mas com um hiato nos anos 2021 e 2022. O evento que tem o objetivo de divulgar as belezas e cultura do Maranhão, fomentar o comércio local e ainda com um caráter

beneficente visto que a renda irá pra uma causa social.

Este ano Thay já soltou algumas atrações que estarão no palco do evento como os shows completos: Fabiana Alves, Fabrícia, Zaynara, Taty Girl, Pablo Vittar, Wesley Safadão, Alceu Valença, Magníficos, Tutuca Viana, e Roberto Ricci.

Participações especiais: Preta Gil, Ananda Paixão e Lucy Alves. Manifestações da Cultura Popular do Maranhão: Boi de Morros, Cacuriá de Dona Teté, Matutos do Rei, Boi de Nina Rodrigues, Boi Juventude de Miranda do Norte e Boi de Sonhos.



A influencer Luanne Holanda entre os cantores sertanejos Fernando e Franco

O OCEANO DO NADA

Neste vazio de não-existência, tudo é possível. Primeiro em silêncio, agora em canto de garganta. O que começa com o silêncio pode terminar com uma frase. A poesia é uma experiência de sentimento na ausência de qualquer conteúdo. Estar vazio é ser amado.



A POESIA E A LEITURA DE POESIA

1 Há reiterados momentos do contemporâneo em que a prática da poesia se parece exatamente apenas uma prática, uma empiria, uma rotina. Faz-se poesia porque poesia é feita. Edita-se poesia porque livros de poesia são editados e foram editados. Por que não continuar editando-os?

Mas qual o significado da arte, quando a arte se reduz a empiria, procedimento habitual que não problematiza os seus meios? Que deixa de inventar os seus próprios fins? Que não desconfia de sua forma conhecida, nem arrisca um lance contra si, incoformada?

Para tentar saber o que pensam a respeito da poesia que produzem alguns dos mais destacados poetas maranhenses em ação hoje, um grupo de jovens estudantes de Letras, tem lhes proposto algumas perguntas simples, primitivas até – silly questions! –, cujo escopo principal é deixar de tomar como naturais ou óbvios os automatismos da prática.

Trata-se de saber dos poetas – e fui honrado com a inclusão do meu nome nessa lista –, da maneira mais direta possível, o que ainda os move a ler, a escrever e a lançar um livro de poesia – ou, mais genericamente, a publicar poesia, seja qual for o suporte.

2 A propósito, recebi há poucos dias, a visita de um grupo de alunos do Curso Letras. E logo ouvi a pergunta: “Você lê poesia?”. Pegu de surpresa, fui logo respondendo que hoje não leio tanto poesia como costumava na década de 1970, quando minha ocupação era descobri-la. Costumava ler de tudo, naquela época: os Beats, H.M. Enzensberger, poetas modernos norte-americanos, sul-americanos, poetas franceses dos séculos XIX e XX, poesia chinesa antiga, Li Bai, Tu Fu, poetas ingleses... Shakespeare, os românticos, Pope, Frank O’Hara, John Ashbery, Dylan Thomas... Hoje leio principalmente os poetas americanos contemporâneos, incluindo os canadenses e os cubanos, mas, principalmente, os dos Estados Unidos. E leio muitos romances. Sempre gostei de uma porção de romancistas, desde os livros da série sobre o piloto Biggles aos romances de Proust e Graham Greene e, especialmente, de Jorge Luis Borges, Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa e, mais recentemente, Roberto Bolaño. De cinema sempre gostei.

Uma das estudantes, emendou outra pergunta: “Que poesia você lê?” Leio poesia contemporânea. Não satisfeita, ela continuou: “Você acha que a leitura de

poesia tem algum efeito?” Penso que ler poesia torna o leitor mais cuidadoso. Você precisa desacelerar e ler em toda a extensão, prestando sempre atenção aos ecos, às metáforas, aos símiles, à maneira como palavras e frases se atualizam na cultura e na história. Um eco verbal de Shakespeare ou Coleridge traz à tona tudo o que diz respeito a Shakespeare ou Coleridge. A expressão “forma orgânica” traz à mente todas as inovações do Romantismo, por exemplo.

Outra pergunta: “O que você espera ao escrever poesia?” Eu costumava esperar que escrever poesia iria transformar o mundo. Hoje não espero muito, de maneira alguma. Escrever poesia costumava ser uma atividade pública; agora passou a ser uma atividade privada, o que é estranho. Em última análise, só se escreve para se comunicar com os outros. Mas, se a maioria dos “outros” está ocupada vendo vídeos ou se entretendo com seu novo tipo de celular ou de relógio, do que adianta? Sei que muitos escritores mais velhos se tornaram cínicos. Agora começo a entender por quê.

3 A (talvez) mais tímida das estudantes me cutucou: “Qual o melhor efeito que você imagina para a prática da poesia?” A prática da poesia leva você a escrever com mais força e clareza.

De novo: “Você acha que a sua poesia tem interesse público?” Veja só: o poeta australiano Christopher Brennan (1870-1932), que trabalhou numa biblioteca pública, em Sydney, Austrália, escreveu em inglês uma paródia do “Un Coup de dés...” de Mallarmé, poucas semanas após a publicação do poema, na edição de 11 de maio de 1897 no periódico parisiense Cosmopolis. O poema de Brennan chamava-se “Musico-poematographoscope”, e foi publicado em Sydney pela firma de Hale e Iremonger, quase um século mais tarde, em 1981. O poema que Brennan compôs era longo e complexo, como o poema original de Mallarmé e, quem sabe, tenha sido a primeira paródia do verso livre moderno. O peso maior do protesto dessa paródia pode ser encontrado ao se acompanharem, ao longo dela, as palavras em letras maiúsculas “Não dou a mínima para o público, e ele devolve a gentileza” (“I don’t give a tinker’s damn for the public and they return the compliment”).

Brennan sentia-se isolado na Austrália colonial; por muitas décadas outros poetas, nesse país, sentiram a mesma coisa. A

cultura australiana teve um breve interesse pela poesia, nas décadas de 1960 e 1970, afortunadamente quando meu fazer poético era mais produtivo, mas assim era o de todos os outros poetas, no mundo. Mas esse interesse murchou, na Austrália, à medida que a população foi se tornando mais jovem (a idade média, agora, é de menos de 32 anos, menos que a metade de minha própria idade) e mais sujeita aos jogos de matar o tempo do capitalismo. O que se vê na Austrália é interesse pelo esporte (hedonismo disfarçado, uma forma de ser como todos os outros) que se opõe a um interesse pela cultura, em geral, e pela poesia, em particular (individualismo, intelectualismo soft que se distancia da vida real).

4 “Qual o melhor resultado que você espera da publicação da sua poesia?” – pergunta outra aluna. Tornar-me um pouco melhor conhecido e ajudar uns poucos leitores a pensarem de forma mais imaginativa. Ela continua: “Qual o melhor leitor de seus livros de poesia?” Sempre achei que o leitor ideal de minha poesia sou eu mesmo. Eu sou quem tem todas as referências e minha poesia é muito referencial. Poucos acham a mesma coisa, mas qualquer um poderia fazê-lo. Acredito escrever para todos, ou para alguém que esteja preparado para ler meus poemas.

A condição de, por ora, ouvir apenas os mais antigos na praça é estratégica. Convém evitar respostas que possam ser neutralizadas a priori por posicionamentos desconfiados de vizinhança.

Leitura de poesia, esforço de poesia e publicação de poesia: nada disso é compulsório, nada disso se explica de antemão. Tudo o que se faz, nesse domínio, é fruto de exigência apenas imaginária. Nada obriga, a não ser a obrigação que se inventa para si.

As estudantes que me visitaram queriam saber que invenção é essa. Ou seja: o que os poetas ainda podem imaginar para a prática que os define como poetas.

5 Ao se despedirem, uma delas fulminou: “O que você mais gostaria que acontecesse após a publicação do seu próximo livro de poesia?”

– Eu gostaria que milhões de pessoas se apaixonassem por minha poesia, tal como se apaixonam pelas estrelas do rock, da música sertaneja, do cinema ou da televisão. Infelizmente, ou felizmente, isso não acontecerá nunca.



Fotos/Divulgação/ Clayton Farias



Gustavo Lahm (2º Vice-Presidente Unicred Integração), Cacia Portal (Gerente Corporativa de Negócios), Hélio Rosa Ramos (Presidente da Unicred Integração), Henrylene Carneiro e Fábio de Andrade (1º Vice-presidente Unicred Integração)

SÃO LUÍS GANHA AGÊNCIA DA UNICRED INTEGRAÇÃO

Em uma noite de grande charme, que reuniu a alta cúpula da Unicred Integração, empresários maranhenses, médicos, dentistas e demais profissionais da área da saúde, São Luís ganhou a primeira unidade da Unicred Integração.

Localizada na área nobre da cidade, no Millennium Corporate

Tower, na avenida dos Holandeses, no Calhau, a nova agência conta com salas de reuniões, setor de consultoria financeira, assessoria de investimentos e coworking voltados ao relacionamento com os cooperados.

Com a nova agência de São Luís, sobe para 19 o total de

unidades de atendimento da Unicred Integração no Brasil.

A Unicred Integração é uma cooperativa de crédito com mais de 18,4 mil cooperados e R\$ 1,57 bilhão em ativos, distribuídos em 19 modernos pontos de atendimento nos estados do Rio Grande do Sul, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão.



As jornalistas Ironara Pestana e Rubenita Carvalho com a amiga Yara Portela



A Gerente de Unidade de Negócio da Unicred Integração de São Luís, Henrylene Carneiro



Mirella Vicenzi (Marketing) e Cacia Portal (Gerente Corporativa de Negócios)



Cacia Portal, gerente Corporativa de Negócios



Fábio de Andrade (1º Vice-presidente), Hélio Ramos (Presidente da Unicred) e Gustavo Lahm (2º Vice-Presidente)



Marco Moura e Vinicius Suna (Gerente Regional de Negócios)



Marcos Davi, Madalena Nobre e Hélio Ramos



Milton Campelo e a ex-primeira dama de São Luís, Tati Lima



O médico Elcio Cossetti e sua esposa Célia Dino com Hélio Ramos (Unicred), médico João Bentivi e Antônio César de Oliveira (Unicred)

Fotos/Reprodução



Marlene Dietrich visitou o Brasil há exatos 65 anos e foi recebida pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira

NO BRASIL

um anjo azul vestido de preto sorriu para os fãs brasileiros

Era Paris. Sempre Paris. Inarredavelmente Paris. E eu no centro desse mundo que sempre me fascina, visitando a cidade, com um grupo de jornalistas brasileiros, a convite da Air France. Era noite fria! Convidados por Yolande de Saboia e Jean Castel, fomos conhecer o seu famoso clube privé Chez Castel, que também fez sucesso no Brasil com uma filial carioca no Rio Palace Hotel, em Copacabana. Qual não foi nossa surpresa quando, de repente, chega para cumprimentar os anfitriões, uma lenda do cinema: a atriz e cantora Marlene Dietrich. Ao me aproximar da diva, percebi que ela já estava dominada pelo álcool. E com uma flûte de champagne na mão, tropeçou em alguma coisa, no exato momento de nossa apresentação por Jean Castel. O champagne era Perrier-Jouët Belle Epoque, o vintage cuvée original da Belle Epoque, que apareceu pela primeira vez em 1964 e que nos anos 1970 fui apresentado com uma caixa pelo empresário Eduardo Lago – ainda guardo duas garrafas vazias do famoso espumante. Marlene se desequilibrou e molhou as minhas calças e os meus sapatos novinhos. Por sorte a taça de cristal se espatifou no chão, mas não feriu ninguém. Minhas calças mandei lavar no dia seguinte, mas os sapatos guardo até hoje para eternizar na minha memória aquele momento mágico na noite de Paris.

Foi uma aparição meteórica e fulgurante, em outubro de 1986. Eu tinha 48 anos. Algum tempo

depois, o jornalista gaúcho Paulo Gasparotto contou-me que em setembro de 1959, Marlene Dietrich passou por Porto Alegre durante escala do voo que a conduzia até Buenos Aires, onde daria prosseguimento à turnê que havia iniciado no Rio de Janeiro e em São Paulo. Então com 57 anos, embora já não vivesse o auge da carreira, a estrela de *O Anjo Azul*, filme de 1930, ainda causava furor na legião de fãs, como relata a reportagem “Um anjo (vestido de preto) sorriu para Porto Alegre”, publicada na Revista do Globo, com data de 5 a 18 de setembro daquele ano.

No Rio de Janeiro, após ser recebida pelo presidente Juscelino Kubitschek no Palácio do Catete, ela havia se apresentado no Copacabana Palace para uma plateia de 700 pessoas em local onde a lotação máxima era de 400. Entre as exigências aos produtores, estava a de que nenhuma corista do espetáculo poderia levantar a perna acima da altura que ela conseguia levantar. Outra imposição era não ser fotografada a menos de três metros de distância.

Em contrapartida, como demonstração de simpatia, cantou *Luar do Sertão*, clássico do cancionista brasileiro, de autoria do maranhense Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco.

Em Porto Alegre, ela ficou menos de uma hora, tempo suficiente para atender os fãs e carimbar o passaporte no Balcão de Imigração do Aeroporto Salgado Filho. Conforme o crítico de teatro Claudio Heemann,

Marlene apareceu no alto da escada da aeronave e, antes de descer, num “jogo de conquista”, fingiu ter de arrumar a cinta-liga para mostrar suas famosas pernas. Diante da cena, o repórter Enéas de Souza, da Revista do Globo, mencionou a “sensualidade de fêmea sabida, numa sedução que recorda mesmo a sedução universal de Eva sobre Adão”. Empolgado, Enéas citou versos do Poema de Sete Faces, de Carlos Drummond de Andrade: “Eu não devia te dizer/ Mas essa lua/ Mas esse conhaque/ Botam a gente comovido como o diabo”.

Apesar de descer da aeronave “com a naturalidade de quem iria passear nas ruas da cidade” (na expressão de Heemann), Marlene se incomodou com o tumulto no saguão do aeroporto, tomado por uma multidão de admiradores, e ameaçou dar meia-volta. “Foi justamente no trajeto do avião ao Balcão de Imigração que ocorreu o fato mais dramático da passagem dela pela capital gaúcha. Pressionada daqui e dali, ela perdeu o sapato, tendo um rapaz o

reavido no meio da confusão, para logo o empresário tirá-lo bruscamente das mãos do jovem”, contou a reportagem da Revista do Globo. Houve quem atribuisse a perda do calçado a um jogo de cena, ou melhor, a uma tática para ludibriar a turba. Minutos depois, ela reapareceu com novos sapatos e um sorriso irônico. Diferente deste Repórter, que teve que ficar a noite toda no Chez Castel com os sapatos encharcados de champagne.

Em meio à confusão, deu tempo para a diva responder a duas ou três perguntas dos jornalistas. “Marlene, o que você acha dos homens brasileiros?”, indagaram. “Não tenho opinião sobre eles, pois trabalhei muito”, respondeu a diva, não sem antes pedir um cigarro ao repórter. “Qual é o segredo de sua juventude?”, perguntou outro. “Trabalhar, trabalhar, trabalhar”, disse Marlene (que morreria em 1992, aos 90 anos de idade), dando por encerrada a entrevista.

E lá se foi o anjo azul cantar para o séquito de fãs portenhos.



Marlene Dietrich no Palácio do Catete no Rio, recebida pelo presidente JK

Dietrich nasceu há 122 anos

Icone do estilo, a atriz alemã que conquistou Hollywood também se destacou por sua oposição ao nazismo. Cosmopolita e independente, sua vida ainda serve de modelo. Ela foi um ícone da República de Weimar, uma estrela de Hollywood, uma refugiada, uma humanista – e uma mulher que sabia quando foi a hora de encerrar a carreira. No século passado, ela foi frequentemente lembrada como objeto sexual ou diva de Hollywood. Por ocasião de seu 123º aniversário, vale a pena lançar um novo olhar para uma mulher que esteve muito à frente de seu tempo – e hoje parece mais moderna do que nunca. Listamos cinco aspectos de Marlene Dietrich que ainda hoje nos servem de exemplo:

1 Ame quem você quiser –

Marlene Dietrich dormiu tanto com homens como com mulheres. Isso nunca foi um segredo, mas sobretudo os homens foram mencionados pelo nome. Mas suas amantes não foram menos glamourosas: por exemplo, a bem-sucedida atriz americana Tallulah Bankhead ou a singular Joe Carstairs, cujo verdadeiro nome era Marion Barbara, que se declarou lésbica no início do século 20 e fez carreira como condutora de barcos de corrida. Sua bissexualidade não parecia incomodar Marlene Dietrich e nem mesmo ser uma questão política.

Quando o diretor e ator austríaco-suíço Maximilian Schell a questionou sobre sexo com mulheres alguns anos antes de sua morte, enquanto ele rodava o documentário “Marlene” (1984), ela lhe respondeu sucintamente: “Oh, sabe, há um homem, e há uma mulher, e então ele se deita sobre ela, e então acontece, certo? – É o mesmo com duas mulheres”. Uma mulher que ama aberta e naturalmente ambos os sexos – isso ainda está longe de ser uma questão natural nos dias de hoje. Dietrich também manteve relações assexuais: ela se apaixonou pelo escritor americano Ernest Hemingway, que lhe correspondeu o amor. No entanto, eles só se comunicavam por carta.

2 As regras de gênero estão aí para serem quebradas –

Marlene Dietrich tornou aceitáveis para mulheres roupas antes reservadas para homens – e assim se tornou um ícone de estilo. Em seu primeiro filme em Hollywood, “Marrocos” (1930), ela beijou outra mulher usando um smoking. Isto nunca havia acontecido na tela antes, seja o beijo, ou a mulher usando smoking. Na vida privada, ela foi frequentemente fotografada em calça, paletó e gravata. Desta forma, ela pouco a pouco adotou a moda masculina, depois que uma cartola tipicamente masculina a havia tomado objeto sexual: uma de suas fotos mais famosas a mostra de cinta-liga e cartola, em cena do filme alemão “O Anjo Azul” (1930), que a tornou famosa. Ao mesmo tempo, ela nunca deixou de usar vestidos ou maquiagem. Nas fotos de hoje, ela é representada principalmente em um terno, mas Marlene Dietrich se sentiu igualmente confortável em ambos os mundos da moda, seja em um vestido dourado de ombros nus ou em um terno masculino branco. A propósito, no mundo da moda, as calças de pernas largas passaram a ser conhecidas como “calças Marlene”.

3 Esteja atento à política e defenda a democracia –

Ao contrário de outros colegas durante a República de Weimar na Alemanha (1918-1933), Marlene Dietrich recusou-se a apoiar a propaganda dos nazistas. Em 1930, ela seguiu a chamada de Hollywood e foi para a Califórnia com o diretor e seu amante na época, Josef von Sternberg, que também havia filmado “O Anjo Azul”. Mas ela manteve contato constante com seu marido, Rudolf Sieber. Embora tenham se separado durante a década de 1930, ambos continuaram casados e se apoiaram mutuamente até sua morte. Foi Dietrich quem, nos anos 1930, incitou Sieber, por

telegrama, a deixar a Europa com a filha comum, Maria, o quanto antes. Pelo menos isso que Florian Illies narra em seu livro “Amor em tempos de ódio” (2021). Enquanto a diretora alemã Leni Riefenstahl fazia filmes de propaganda para os nazistas, Dietrich comprometeu-se com os Estados Unidos durante a 2ª Guerra. Já em 1939, ela abdicou de sua cidadania alemã e assumiu a americana. Enquanto seu amante Jean Gabin se alistou no exército francês, ela viajou para a Europa devastada pela guerra e apoiou as tropas americanas como cantora. Por isso ela foi nomeada Cavaleiro da Legião de Honra na França, e nos EUA recebeu a Medalha da Liberdade, a mais alta ordem concedida a civis, já em 1947. Uma mulher contemporânea que tem a mesma medalha? Angela Merkel. Ela recebeu a medalha de Barack Obama. Na Alemanha, o reconhecimento chegou tarde: alguns até a insultaram como traidora da pátria. Somente em 2002 ela recebeu postumamente a cidadania honorária da cidade de Berlim, onde nasceu e está sepultada.

4 Saber quando parar –

Não se deve ignorar o fato de que ela se tornou viciada em álcool e comprimidos, e passou o final da vida reclusa em Paris. Mas ela também soube quando parar: após uma lesão em 1975, ela encerrou a carreira nos palcos e, três anos depois, fez um último filme. Quando Maximilian Schell rodou o documentário “Marlene”, ela ordenou que não fosse filmada. Schell disse que tentou convencê-la do contrário, mas ela manteve a decisão: “Não significa não”, justificou, dizendo que já havia sido fotografada até a morte. Schell obteve autorização para fazer gravações sonoras e teve que colocá-las sobre material de vídeo já existente. Ainda há muito poder nesta sua citação que se tornou famosa (“I’ve been photographed to death” – “Fui fotografada até a morte”) e sua recusa em ser fotografada novamente, apesar de todos os apelos e interesses comerciais. Especialmente numa época em que, através de selfies, Instagram e TikTok, as pessoas estão constantemente tirando fotos de si mesmas e as publicando nas mídias sociais, recusar-se a ser fotografado é equivalente a um ato de resistência. Assim como saber quando é hora de deixar o palco, outra coisa que Marlene Dietrich e Angela Merkel têm em comum.

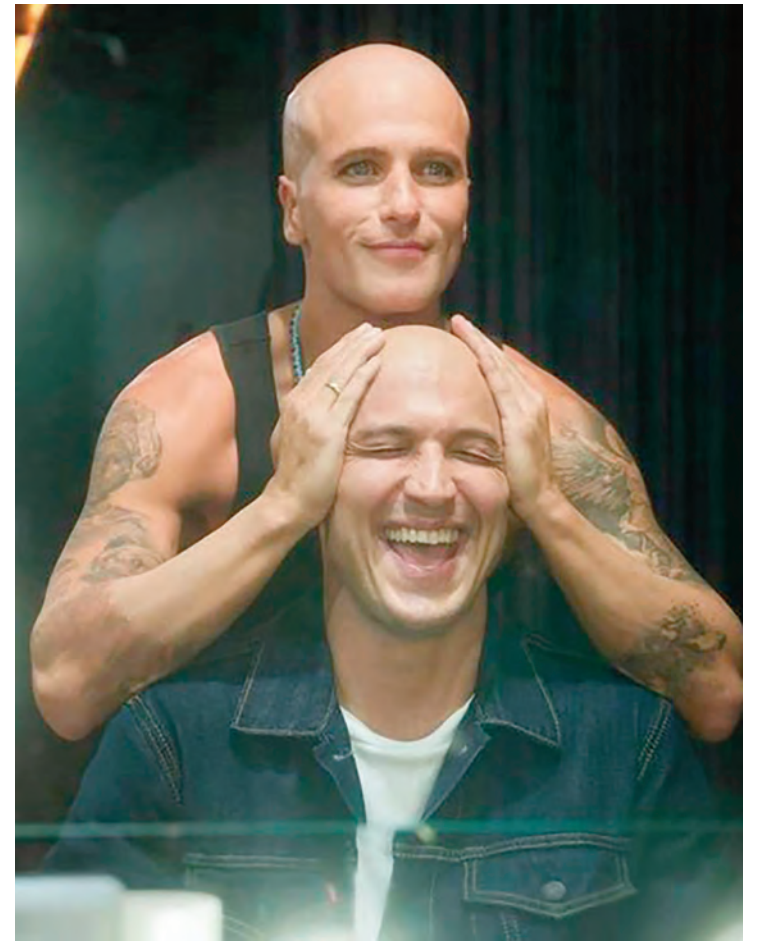
5 Continuar uma cidadã do mundo –

Embora honrada por muitas nações, ela não se deixou levar por nacionalismo ou patriotismo. Quando Maximilian Schell lhe perguntou durante as filmagens do documentário “Marlene” por que estava morando em Paris, ela respondeu que estava trabalhando ali no momento, mas que também estava frequentemente em Nova York e que de qualquer forma viajava muito. E ao lhe perguntarem se não se sentia apátrida ela teria respondido com grande impaciência: “Não, é tudo um absurdo! Eu tenho sentimentos por pessoas, mas não tenho sentimentos por cidades ou assim”. Ao mesmo tempo, ela não se sentia apátrida. “A América é minha verdadeira casa”, teria dito a Schell. “Eles me acolheram lá. Minha filha mora lá, toda a minha família está lá”.

Isso soa como de uma mulher pragmática, até mesmo grata, que sabia o que lhe importava, não como uma diva: acolher refugiados, sua família, seu trabalho. Mesmo em seu 123º aniversário, Marlene Dietrich não precisa ser glorificada. Ela foi um ícone, mas era também um ser humano – e uma mulher cuja vida ainda serve de modelo, especialmente no século 21: como mulher emancipada, financeiramente bem-sucedida e cosmopolita, que ignorou regras de gênero, se manteve fiel ao humanismo e à democracia em tempos de crise, e soube quando era hora de deixar as luzes do grande palco.



O ator maranhense Rômulo Estrela está anunciando seu primeiro filme de longa metragem em longa entrevista a Mônica Bergman



Bruno Gagliasso e Rômulo Estrela de cabeças raspadas

ROMULO ESTRELA

“Nós, homens, precisamos quebrar o silêncio”, diz Romulo Estrela

Aos 40 anos, ator celebra mais de duas décadas de carreira, revela que prepara seu primeiro longa e condena 'sensação de impunidade' nos casos de Robinho e Daniel Alves

Romulo Estrela diz ainda guardar na memória uma lembrança vívida do dia em que decidiu deixar a São Luís em que nasceu e cresceu para forjar uma carreira no Rio de Janeiro. Era 2002. “Eu falei para os meus pais: ‘Se eu não for agora, não vou mais. A hora é agora’”, se recorda, ao falar sobre a conversa tida em casa. O pai, pego desprevenido, pediu calma. Já a mãe não só topou como logo depois embarcou com o filho rumo à capital fluminense.

A surpresa não foi à toa. Romulo, então na casa dos 18 anos, cursava fisioterapia na faculdade e, até ali, cultivava a ideia de viver como lutador de jiu-jitsu, esporte que o levou a disputar torneios Nordeste a fora e o consagrou como faixa preta. Mas alguns trabalhos em desfiles de moda e na publicidade surgiram, um curso de interpretação aconteceu e, quando se deu conta, o jovem maranhense viu despertado em si o desejo de ser ator.

Passados mais de 20 anos desde aquela decisão, Romulo Estrela já fez 16 novelas, sete séries, quatro filmes e três minisséries, além de dublagens e dezenas de participações em produtos da TV Globo. No início deste mês, comemorou a chegada aos 40 anos de idade cantando parabéns no set de filmagens de “Por Um Fio”, longa-metragem em que interpretará o médico Drauzio Varella e que acaba de ter suas gravações encerradas.

“Me encantei pelo projeto assim, de cara”, conta ele à coluna. A obra é inspirada e leva o mesmo nome do livro publicado em 2004 pelo cancerologista e colunista da Folha, em que reflete sobre a morte. “A gente fala pouco sobre esse assunto. É uma coisa que, quando a gente para pra entender, acalma um pouco o coração. [A morte] É uma certeza que a gente tem, talvez uma das poucas nessa vida”, afirma o ator.

Romulo diz ter abraçado o personagem de Drauzio e

também se surpreendido com ele. “Num momento de tantos cancelamentos, a gente tem uma unanimidade, alguém que tem uma voz ativa e que consegue se colocar, por mais que gere algumas questões. E vou te falar: fazendo a minha pesquisa, vi muita coisa do Drauzio. É impressionante como ele sempre foi lúcido, certo e coerente com o discurso dele.”

Ao longo de cinco semanas, o ator contracenou com colegas como Bruno Gagliasso, que fará o irmão de Drauzio na trama, Zezé Motta e Othon Bastos. Nas redes, Bruno celebrou a conclusão do trabalho compartilhando uma foto em que ele e Romulo aparecem com as cabeças completamente raspadas.

À coluna, o ator maranhense afirma que essa foi a segunda vez em que os dois se viram envolvidos em um mesmo projeto —a primeira ocorreu há muito tempo, mas é lembrada por ele até hoje. “No início da minha carreira, fiz uma participação em uma novela da Globo onde ele era o protagonista. Lembro de, na ocasião, o Bruno me receber com todo carinho e atenção. Era o que eu mais precisava naquele momento.”

Os atores Bruno Gagliasso e Romulo Estrela, que contracenam no filme ainda inédito “Por Um Fio”, mostram os cabelos raspados após o fim das gravações - @brunogagliasso no Instagram

Para além do papel de Drauzio, Romulo já tem rodado um filme produzido e também protagonizado por Antonio Fagundes, “Maldito Benefício”. A obra se encontra em fase de edição e ainda não tem data para estrear, mas é aguardada com grande expectativa pelo ator.

“Foi uma experiência incrível, porque a gente filmou com baixíssimo orçamento, mas com uma equipe super competente e realizadora. É um grande drama, é uma grande tragédia, mas também uma comédia”, afirma sobre a produção, que conta a

história de um idoso de baixa renda, à beira da morte, que descobre ter direito a uma bolada da Previdência Social.

“Acredito que o público que assistir a esse filme vai entender que o que a gente tem dentro da família brasileira são pessoas que, apesar das dificuldades —e não devemos romantizar isso—, levantam a cabeça e saem para trabalhar. E precisam, sim, de oportunidades, de facilidades, de cotas.”

O ex-protagonista da novela “Travessia” se prepara para o seu primeiro voo solo enquanto produtor de um longa ficcional idealizado por ele mesmo. A ideia é contar uma história ambientada nas vaquejadas do interior do Maranhão, em que um pai e um filho se veem sozinhos em uma relação em que não têm nenhuma afinidade.

“Esse projeto toca num tema que, para mim, é muito importante, que é essa desconstrução da masculinidade e a relação com o hoje. Ele [o pai] é distante dessa criança —o contrário do que eu tenho com meu filho [Theo, de 8 anos], por exemplo, mas sei que estou num lugar de privilégio. É um assunto que me instiga muito”, revela ele sobre o longa, que está em fase de desenvolvimento de roteiro.

Romulo Estrela com a esposa, a empresária Nilma Quariguasi, e o filho, Theo Reprodução/Instagram/romuloestMAIS

Romulo diz fazer questão de, enquanto homem, levar o tema da sensibilidade a seus trabalhos, apesar de acreditar que seus personagens sejam frequentemente estereotipados como galãs ou figuras que se impõem por meio da força, dada a sua aparência física.

“Acho importante trazer um homem que não está só nesse lugar da força e da potência, mas que pode ganhar na sensibilidade. Porque, caramba, nós somos isso também”, afirma. “A gente precisa abrir esse diálogo, mais do que a

gente tem feito.”

Ele afirma ter assistido com consternação aos recentes episódios envolvendo os jogadores Robinho e Daniel Alves, condenados por estupro na Itália e na Espanha, respectivamente. “São casos que não só revelam, mas também amplificam um comportamento historicamente naturalizado entre os homens, contribuindo para a manutenção da cultura do estupro e da violência de gênero.”

“O que se viu ali é uma aparente sensação de impunidade, o que é um retrocesso alarmante para a nossa sociedade”, segue. “Nós, homens, realmente precisamos quebrar o silêncio em torno dessas questões e agir de verdade para fazer a diferença, não só pra gente, mas para as próximas gerações, também. Isso significa, além de falar sobre o problema, entrar em ação, seja mudando comportamentos, aprendendo mais sobre como combater a desigualdade de gênero ou estando ao lado de quem sofreu violência.”

A paternidade, conta o ator, é um dos pontos em sua vida que mais o estimulam a refletir sobre as disparidades de gênero. “Tenho uma responsabilidade muito grande sobre quem ele [Theo, seu filho] vai ser como ser humano, como pessoa, como homem dentro de uma sociedade extremamente machista e misógina. A Nilma [Quariguasi, sua esposa e empreendedora] me ajuda muito nisso, a desconstruir esse olhar. É bonito ver que é possível.”

“Aceitei que eu precisava aprender muita coisa como pai. Desde dar um banho na criança, ter cuidado para ele não ter refluxo e limpar bem até a preocupação de com quem ele vai estar, os cuidados, se vai sofrer algum tipo de abuso, entender o que é dele e o que é do outro, os limites”, afirma.

Filho de um empresário

Mônica Bergamo publicou página inteira na Folha de S. Paulo com o ator maranhense Rômulo Estrela, com ótima entrevista assinada por Bianka Vieira



Rômulo Estrela

formado em educação física e de uma auditora pública aposentada, o ator diz ter crescido em uma casa em que o protagonismo foi predominantemente feminino —ele tem uma irmã um ano e meio mais velha—, daí a inspiração para o modo como encara e divide os papéis no contexto de sua família.

“Sempre vi meu pai dando espaço para minha mãe brilhar, e isso é muito bonito numa relação. Não que ela não desse espaço para ele também, mas ela sempre foi uma mulher grandiosa, muito potente. E meu pai, como homem, nunca se viu nesse lugar de ter, por uma questão social, que impor alguma coisa dentro de casa, muito menos fora. Isso fica na gente.”

“Eu aprendi a dar para os outros o que eu quero receber dos outros, e isso quem me ensinou foram os meus pais. Você se entregar e se doar mesmo

quando está em uma situação limite é difícil. E eu acho que essa sutileza e essa sensibilidade estão em falta hoje no mundo.”

Mesmo tendo partido de São Luís há 22 anos, Romulo diz que o regresso à terra natal costuma não só trazer consigo o aconchego da casa dos pais e a lembrança de um tempo que não volta mais, como também inspiração para a sua vida artística. Foi uma viagem recente à capital maranhense, por exemplo, que deu a ele a certeza de que deveria investir no seu longa ambientado no interior do estado.

“O que eu sinto é que um país e uma sociedade se dão a partir de muitas coisas, mas também a partir da cultura, da arte, da sua história. Você não pode deixar isso de fora. E o Brasil é um país enorme, com muitas histórias para serem contadas. Imagina, era pra gente ter uma produção audiovisual fortíssima! Fortíssima.”



Rômulo Estrela com a esposa, a empresária Nilma Quariguasi, e o filho, Theo

Fotos/Divulgação/ Paulo José de Lima



Ricardo Guterres com o Repórter PH

CIRCULANDO NA NOITE

Ponto de encontro de gente charmosa e elegante de nossa sociedade, o bistrô Grand Cru está sempre bem frequentado. Herbert Alves passou por lá na noite de sábado e disparou os flashes.



Guilherme Santana e Carol Imbroisi



O Repórter PH entre o alemão Marcus Haas e sua namorada Cecília Leite



Álvaro César Ferreira e Cristina com o filho Gustavo Ferreira e Marina



Jesus Nunes e Leopoldo Nogueira Santos



Karina Lamar e Ricardo Guterres



George Koehne e Sarah Caroline Ferraz



José Aparecido Valadão e Cida, Amaro Santana leite e Ana Lúcia Albuquerque, Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e Melina



Momento dos parabéns pelo aniversário do homenageado Estenio Campelo

TRAJETÓRIA DE SUCESSO

O renomado advogado e filantropo Estenio Campelo lançou sua biografia "Estenio Campelo-Trajatória de Sucesso", na última quinta-feira (21) no salão social do Iate Clube de Brasília.

O livro foi elaborado por Edmar Soares, Magno Martins e Edmilson Caminha.

Estênio é muito conhecido pelo apoio que presta para várias instituições de caridade em Brasília, São Paulo, Ceará e Mato do Grosso do Sul.

O evento contou com a participação de personalidades das áreas jurídica, executiva, legislativa, empresarial e familiares do escritor.

Na ocasião, o aniversariante foi surpreendido por um coro cantando o tradicional "parabéns prá você".



Momento dos parabéns pelo aniversário do homenageado Estenio Campelo



Leila e Ministro Brito Pereira



Coronel Corrêa Lima e Vanessa Lima



Estenio Campelo e a Desembargadora Márcia Andrea Farias (Presidente do TRT-MA)



Janete Vaz e Flávio Marcílio



Estenio Campelo e o Desembargador Durval Vasconcelos(TRT-CE)



Ana Cristina e Estenio Campelo com o Desembargador Carvalho Neto (TRT-MA)



Genésio Vicente, Raul Saboia e Desembargador Cruz Macedo (TJDFT)



Advogado Maurício Kunne, Ministro Marco Aurélio, Estenio Campelo e Alberto Fragoso



O Repórter PH com Daniel Blume e Priscila



Ex-deputado Edilázio Jr. com a desembargadora Marcia Farias e Frederico Lima



Ana Brandão e o juiz Osmar Gomes dos Santos



Lourival Serejo e Daniel Blume



Ceres Rodrigues Murad e Carlos Nina



Lourival Serejo com Alice Rocha e Carlos Gaspar



Mária da Paz e José Carlos Sousa Silva e Daniel Blume



Beatriz e Valentina Blume



Daniel Blume entre Ceres Costa Fernandes e Laura Amélia Damous



Daniel Blume com um Osmar de cada lado - o filho, que é vereador, e o pai, que é juiz de Direito



Todo feliz, Daniel Blume concedendo centenas de autógrafos numa grande noite literária

NOITE DE AUTÓGRAFOS

da sátira poética “Cartas ao Neto”, quinto livro de Daniel Blume, agitou o mundo cultural de SL

Advogado, doutor em Direito, procurador do Estado e conselheiro Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, o escritor Daniel Blume reuniu uma legião de amigos e admiradores literários no lançamento de seu quinto livro intitulado “Cartas ao Neto”, uma sátira poética que combina humor e crítica social. Ricamente ilustrada pela artista plástica Ana Miranda, a obra tem o selo da Tagore Editora.

A concorrida noite de autógrafos aconteceu no restaurante Casa de Juja, no Brisamar Hotel, e foi sem dúvida um dos grandes eventos literários desta temporada. Um verdadeiro reencontro de amigos dos livros que brindaram com bons vinhos o prazer de degustar a boa literatura, marca registrada do autor e anfitrião.

Daniel Blume, que é membro da Academia Ludovicense de Letras e da Academia Maranhense de Letras, já atingiu há muito a maturidade literária em suas obras anteriores, traduzidas para o espanhol, francês e italiano. E neste quinto livro de poemas o autor se superou e até mesmo arriscou, ao criar uma obra divertida, sarcástica, inteligente e por que não dizer, lúdica, para falar de algo tão complexo como poder e política. Um livro que entrelaça com brilhantismo sátira política com técnica literária.

O autor se inspirou em figuras históricas e literárias, desde Luciano de Samósata até autores brasileiros como Ariano Suassuna, para construir uma obra que tem como personagem principal um avô político que, do alto de sua vasta experiência e a beira da morte, aconselha seu neto deputado e seu herdeiro político, sobre o universo que o cerca.

Com trechos como esse, o autor nos brinda com verdadeiras pérolas políticas, impossíveis de serem mais reais ou atuais:

“Seja o que for necessário! Use honestidade e generosidade seletivas. Esteja disposto a abrir mão do que acredita por aquilo que pretende. Conquista mentes / corações mas apenas comprometa-se consigo. Sempre desconfie dos homens sem vícios”.

“Na política não há rancor, nem pudor. A lealdade é uma conveniência. O samba das cadeiras é o bom da festa em Brasília. Somos predadores canibais”.

No prefácio da obra, o poeta e crítico literário Antônio Ailton, apresenta-o como “um livro diferente para estes tempos. Com esse livro Daniel nos convoca ao sério e ao lúdico”, e ressalta a criatividade e a habilidade literária de Blume em sua “reatualização de

gêneros como o satírico e o burlesco para a poesia contemporânea, marcando a singularidade, a inventividade e a plena autonomia do poeta Daniel Blume” completa Ailton. E ele vai além: “O que convida à leitura de um bom livro literário é a sua atmosfera. Dada por um tom, é o seu teor. E no sentido do tom ou do sabor da leitura, este “Cartas ao Neto” de Daniel Blume é dos mais fluidos e saborosos livros de poemas que tenho conhecimento, nestes anos de muita escrita boa, mas também de abundante escrita insípida”.

E no posfácio da obra, o poeta e doutor em Direito Rossini Corrêa nos lembra que o autor navegou em águas profundas nessa produção literária: “Daniel Blume é a alma renascentista da cultura maranhense contemporânea. O poeta Daniel Blume dialoga, em sua capacidade de fabulação, com a antiga tradição grega e latina. Domador de palavras e mergulhador de percepções, é com o verbo conciso e com a densa expressão que o autor avança, na singular construção da obra literária que o projeta, na poesia de sua geração no Brasil” enfatizou.

O livro, que tem tudo para se tornar um best seller, pode ser encontrado nas livrarias Amei e Leitura; além do site Amazon.



Grupo grande de membros da Academia Ludovicense de Letras: Sônia Mugschi (mãe de Daniel Blume), Alexandre Lago, Natalino Salgado, Ceres Costa Fernandes, o presidente da ALL, Sanatiel Dias Pereira, Daniel Blume, Clores Holanda Silva, Vinicius Bogéa e Osmar Gomes dos Santos



Daniel Blume e Eulálio Figueiredo



Geovane Amorim e Thiago Brhanner



Vereadora Karla Sarney



Guto Guterres e Jesus Guanaré

Fotos/Divulgação/Danielle Vieira/Herbert Alves



Daniel Blume com Rose e Eli Medeiros



Marcia Reis Luz, Gabriela Lages Veloso, o PH, Clores Holanda Silva, e o casal Isângelas Fortes e Sanatiel Dias Pereira



Karine Mouchreck e Eduardo Castro



Antonio Djalma Almeida (pai de Daniel Blume) e Alda



Susana Pinheiro e o marchand Carlos Di Muro



Rafaela Lindoso e Vinicius Bogéa com o Repórter PH



Thiago Diaz, Antonio Nunes, Bruno Diaz e Kayo Saraiva



Daniel Blume com Danielle Vieira e José Domingues Neto



Rose Medeiros com a escritora Gabriela Lages Veloso e o Repórter PH



Daniel Blume com Wilma França



Rosário Buenos Aires e Solfière Alavá



A família do escritor reunida: Danilo Blume, Sonia Mugschi (mãe de Daniel, Danilo e Rafael), Priscila e Daniel Blume, Rossana e Rafael Blume



Gustavo Vilas Boas e Ananda Farias



Ana Luiza Ferro e Alexandre Lago



Guga Fernandes e Douglas Paulo



Clores Holanda Silva e Daniel Blume



Daniel Blume e José Carlos Madeira



O Repórter PH com Jucey Santos Santana e Clores Holanda Silva



Rose Medeiros entre Patrícia Heluy e sua mãe Augusta Maciel



Mariene e Christian Milbourne com Ricardo Pestana



Cristiane Lago e Desembargadora Sônia Amaral



Fotógrafo Meirelles Jr. e Rachel Souza



Antonio José Soeiro, Daniel Blume e Ilse Rangel



Natalino Salgado Filho e Ceres Costa Fernandes



Bruno Castelo Branco e o Repórter PH

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

_evandrojr

@evandrojr



Thaynara OG vai realizar nova edição do evento solidário São João da Thay. No registro, ela entre o jornalista e apresentador Evandro Júnior e Ludmila OG

São João da Thay 2024

Thaynara OG já deu o sinal verde para a nova edição do seu São João da Thay, evento com altas doses de cultura e solidariedade, e que este ano vai acontecer no Espaço Reserva, ligado ao Shopping da Ilha. A festa está confirmada para os dias 7 e 8 de junho

No início desta semana, ela inaugurou a loja oficial da festa. O evento foi marcado por apresentações de grupos folclóricos e degustação de comida típica. Antes de descerrar a faixa e inaugurar o espaço, ela comandou um cortejo pelas dependências do shopping atraindo as atenções de quem foi às compras.

O passeio junino contou com a participação de vários grupos de bumba meu boi e caciuriá, entre eles, o Boi de Morros, do qual a influenciadora é embaixadora. A loja será o ponto de comercialização de ingressos e passaportes para os dois dias de evento.

As paredes foram plotadas com as atrações do evento, entre elas, os cantores Wesley Safadão, Alceu Valença, Taty Girl e Pablo Vittar, nomes que alegraram bastante ao público que já está contando os dias para a grande festa em exaltação ao Maranhão e em homenagem ao Brasil.

O São João da Thay entra em sua sexta edição, pois começou em 2017, mas com um hiato nos anos 2021 e 2022. O evento objetiva divulgar as belezas e a cultura do Maranhão, fomentar o comércio local e tem ainda um caráter beneficente, visto que a renda irá para uma causa social.

Os ingressos podem ser adquiridos separados ou com casadiha pela Bilheteria Digital ou na própria loja do São João da Thay, no Shopping da Ilha, piso L3, ao lado da Livraria Leitura.

- Quem desembarca em São Luís no mês de agosto é o criador do Natal Luz de Gramado (RS), empresário Luciano Peccin, que mudou o turismo na serra gaúcha.

- Proprietário de hotéis naquela região do Brasil, ele é também presidente do Grupo Casa Hotéis e virá ao Maranhão a convite da Faculdade de Negócios Faene para uma palestra direcionada a alunos e convidados sobre sua experiência como empreendedor.

- O Natal Luz de Gramado, diga-se de passagem, atrai uma média de dois milhões de pessoas à cidade iluminada.

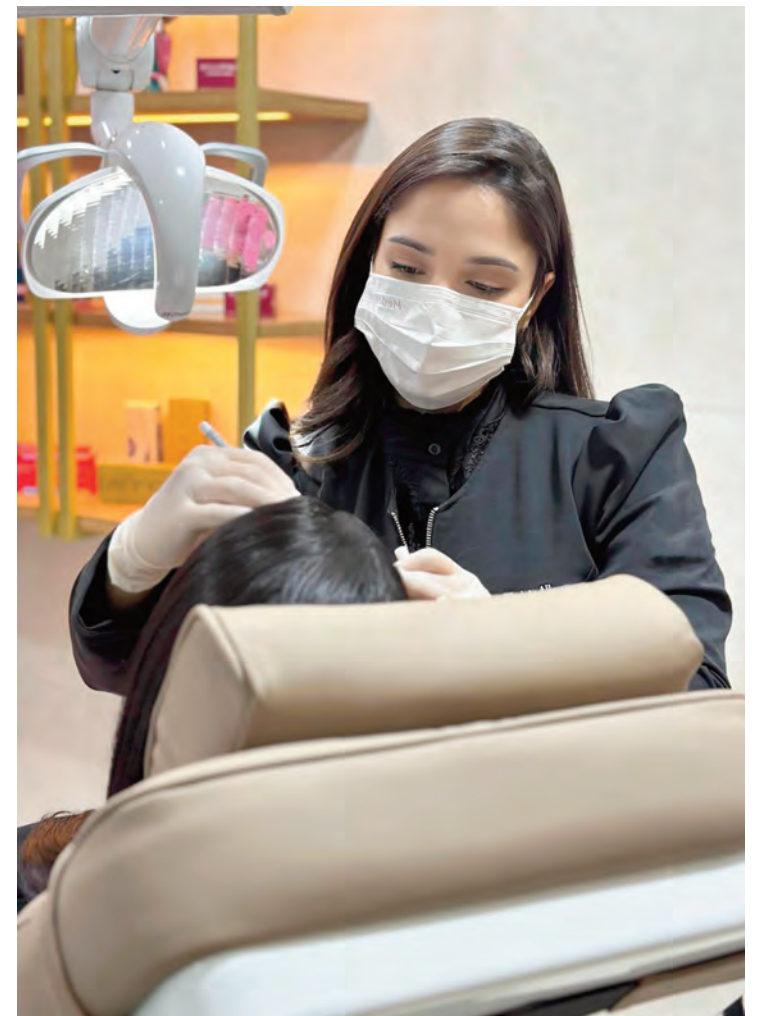
- Com novos personagens, o universo gamer está de volta à Ilha do Amor com o espetáculo "Roblox".

- Neste domingo, às 16h, no Teatro Arthur Azevedo, será apresentado o espetáculo Roblox, trama que conta a história de um grupo de crianças que saem para fazer um passeio escolar em um colorido parque de diversões chamado 'Mundo Estranho'.

- No entanto, o que eles não esperavam é que acabam sendo atraídos para dentro da plataforma de games chamada Roblox e para voltar às suas casas, Bacon, Tina e Noob precisam cumprir todas as missões para vencer Azul Babão, Green, Red e Orange.



Evandro Júnior entre o cantor sertanejo Fernando, Calheiro Marinho, (Amo Vinho Almistron Marinho e o cantor Franco no coquetel de abertura da loja do São João da Thay



A Thalita Albuquerque, dentista com especialização em harmonização orofacial, prática inovadora que ganha cada vez mais popularidade, à medida que pessoas de todas as idades buscam alcançar o padrão de beleza ideal. A profissional integra o quadro de especialistas da Polyana Dominici Clínica de Estética Avançada, que funciona no Edifício Millenium, no bairro São Marcos, oferecendo diversos tratamentos estéticos, desde cuidados faciais e corporais até procedimentos avançados de rejuvenescimento



CLICK Momento de leveza e graciosidade da diretora de Comunicação da Assembleia Legislativa do Maranhão, Jacqueline Barros Heluy, uma das mais competentes, respeitadas e queridas jornalistas do Maranhão. O registro foi durante um passeio pelo Rio Preguiças, na região turística de Barreirinhas, para recarregar as energias e desfrutar da paisagem fascinante e deslumbrante dos Lençóis Maranhenses. Heluy tem feito um excelente e dinâmico trabalho à frente do setor que divulga as ações do Parlamento Estadual maranhense. Entre outras coisas, ela e sua equipe ampliaram a grade de programas da TV e Rádio Assembleia e reforçaram os conteúdos trabalhados nas redes sociais, otimizando o diálogo da Casa do Povo com a comunidade



Na última semana, a médica Renata Parente, a convite da Le Lis Blanc, esteve no Shopping da Ilha para um bate-papo sobre o tema "Mulher Moderna e a Estética Íntima". Além dela, também participou a médica Anne Karoline, que falou sobre o impacto da saúde da mulher e sua relação com a estética. Renata Parente é, atualmente, coordenadora da pós-graduação em Ginecologia Regenerativa da Associação Brasileira de Ginecologia Regenerativa e Estética Funcional